

ESCOLA: Espaço de inclusão real ou fictícia

School: a real or a fictional space of inclusion

Mônica Maria Baruffi¹

Resumo: Este artigo possui o objetivo de apresentar uma discussão entre a realidade e a ficção existente dentro da escola com relação à inclusão. Observa-se neste trabalho a inclusão a partir de movimentos ocorridos no espaço escolar, mais precisamente no processo de ensino-aprendizagem. A inclusão, neste sentido, é apresentada como movimento que na teoria é algo possível de ser realizado, sem preocupações e sem preconceitos. Entretanto, no momento da aplicabilidade, ela passa a ser vista como um movimento que estremece as bases ditas sólidas de cada profissional envolvido. Assim sendo, a inclusão passa neste espaço escolar algo a ser realmente discutido e vivenciado. Como realizá-la? Como vivenciar este processo de inclusão? Perguntas como estas serão ampliadas neste trabalho e pretendem levar à reflexão cada profissional da educação. Afinal, somos uma escola que inclui verdadeiramente ou de forma fictícia?

Palavras-chave: Inclusão. Escola. Crianças. Profissionais da educação. TDAH.

Abstrat: This article has the objective to present a discussion between reality and fiction existing within the school in relation to inclusion. It is observed in this work including from movements in the school environment, specifically in the learning process. The inclusion in this sense is presented as a movement that in theory is something that can be done without worries and without prejudice. But at the time of applicability, it is seen as a movement that shakes the solid said bases of each professional involved. Therefore, the inclusion passes this school space is something to be really discussed and experienced. How to achieve it? How to experience this process of inclusion? Questions like these will be expanded this work and intends to reflection of each professional education. After all, are we a school that includes genuinely or fictitiously?

Keywords: Inclusion. School. Children. Education professionals. ADDH.

Introdução

No desenvolvimento do trabalho pedagógico existente na escola, observa-se a necessidade e o desprendimento entre os profissionais de educação, que são significativos e demonstram que o engajamento e a participação de todos nos movimentos que ocorrem na escola auxiliam na formação e na funcionalidade de todos os setores da instituição.

Utilizou-se da temática escola: espaço de inclusão real ou fictícia, pois a escola em que foi desenvolvido este trabalho estava recebendo pela primeira vez uma criança que necessitava de um segundo professor, por sua necessidade educativa especial – TDAH.

Esta criança chegou até os profissionais, conforme relatos, através de sua tia, que cuida da criança como filho. A criança foi entregue a ela, pois a desestruturação familiar era latente, sendo que a tia possui documento comprobatório de sua tutela.

Com isso, observou-se que, mesmo com o PPP da escola apresentando que os profissionais estariam amparados e a criança também a partir da presença desta na instituição, observou-se um nervosismo e preocupação por parte de todos os profissionais desta instituição, principalmente os professores das séries iniciais, pois até aquele momento ainda não havia sido matriculada nenhuma criança com necessidades especiais. E isso chamou a atenção.

Por este motivo foi escolhida esta temática – Escola: espaço de inclusão real ou fictícia –, pois se observou que a inclusão até o momento neste espaço não era vivenciada, e sem ser

¹Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSSELVI. Rodovia BR 470 - Km 71. n.º 1.040. Bairro Benedito. Caixa Postal 191. CEP 89130-000 - Indaial/SC. Fone (47) 3281-9000 - Fax (47) 3281-9090. Site: www.uniasselvi.com.br.

vivenciada parecia algo de fácil aceitação, mas no momento em que surge a matrícula de uma criança que necessita de cuidados especiais, transformou a escola e culminou com a pergunta: como trabalhar com esta criança?

É importante ressaltar que a escola possui seu PPP, que é todo ano reavaliado, dando assim possibilidades de construção de um documento ágil e eficaz, possibilitando aos profissionais a oportunidade para conhecer e reconhecer a necessidade do trabalho em equipe, sua filosofia, buscando, quando necessário, a ajuda de setores como saúde, educação, família e demais órgãos competentes.

Além do PPP, a escola estadual, pertencente ao município de Doutor Pedrinho/SC, possui o grêmio estudantil que trabalha com o corpo docente, além do Conselho Escolar, em que membros da comunidade e demais autarquias trabalham para melhoria dos trabalhos na escola.

Observa-se que existe a participação de professores e gestão, que busca a melhoria das atividades escolares através de palestras, diálogos, apresentações culturais, entre outras atividades.

Com a participação nas atividades pedagógicas da escola, como diálogos, jogos, palestras, observou-se que os profissionais se sentiram, principalmente das séries iniciais, mais confiantes na busca de novas informações para melhor realizar seu trabalho.

Os objetivos propostos neste trabalho foram:

- Reconhecer o desenvolvimento e movimentos realizados com a criança com hiperatividade e bipolaridade.
- Identificar meios para desenvolvimento de trabalho em equipe, buscando a socialização e aprendizagem do sujeito.
- Compreender o trabalho dos profissionais com este aluno com necessidades especiais e mecanismos de dialogicidade entre alunos, aluno com necessidades especiais e demais profissionais da educação.
- Apontar a realidade da inclusão da criança com necessidades educacionais especiais na escola.

Com estes objetivos buscou-se dinamizar e apontar prováveis respostas para a presença de crianças com necessidades educativas especiais em nossas escolas. A chegada de uma criança com necessidades educativas especiais na escola, quando repassado na teoria, parece-nos tudo muito fácil, mas no momento de sua presença no meio faz com que os profissionais, se não bem preparados, acabem criando situações de exclusão sem perceber a situação. Desta forma, é preciso tirar a educação inclusiva da teoria e evidenciá-la na prática, com ações, parcerias e humanização.

Fundamentação teórica

Quando se fala em escola, a primeira imagem que vem à mente é de um espaço onde as crianças se encontram para estudar, criam laços de amizade com os colegas e com alguns professores. Ocorre assim uma troca de energias, em que as partes interessadas (crianças e profissionais) buscam, cada um dentro de seu papel, construir novos conhecimentos e novas relações afetivas educacionais.

Para tanto, faz-se necessário observar que a escola não é um espaço onde todos os elementos formadores estão cognitivamente igualados, mas que existem várias histórias, vários caminhos trilhados de maneira diferenciada. Esta diferenciação é que nos chama a atenção, principalmente no que diz respeito ao TDAH.

Nos espaços escolares encontramos várias culturas, e como apresentado anteriormente,

várias histórias, que remetem cada profissional da educação a verificar quais são essas histórias e como, enquanto profissional, poderá auxiliar essas crianças.

Cabe ressaltar que a escola é um espaço onde cada um que chega traz dentro de si elementos que auxiliarão ou não (dependendo do olhar dos profissionais) no enriquecimento de seu conhecimento e de seu amadurecimento físico e intelectual.

Sabemos que é um espaço rico em diversidades, e nós, enquanto profissionais da educação, estamos envolvidos e com a responsabilidade de motivar e enriquecer cada aluno em sua caminhada escolar.

A diversidade existente nestes espaços nos leva a realizar algumas perguntas, a saber: Será que possuímos uma educação inclusiva real ou fictícia? Como é a relação entre o professor e o aluno com necessidades educativas especiais? Que caminhos podem ser percorridos para se chegar a uma escola inclusiva? Estamos preparados estrutural e pedagogicamente? O profissional da educação, ao receber uma criança com necessidades educativas especiais, encontra-se pedagogicamente preparado para realizar este trabalho? Afinal, o que é diversidade e quem são as crianças com necessidades educativas especiais, em particular o TDAH?

Questões como estas nos levam a refletir e nos fazem buscar na filosofia condições para que cada leitor pare, pense e perceba que a escola é um dos espaços onde as diversidades estão presentes e precisam ser vivenciadas, compreendidas e amadurecidas, tanto em nível pessoal, sistêmico, bem como governamental. Com as perguntas acima, procuramos em Guebert (2010, p. 13) o sentido de filosofia:

[...] o pensamento e a sabedoria são princípios que conceituam a filosofia, a qual surge como um pensamento reflexivo sobre as coisas da vida, isto é, tem como objeto de estudo qualquer situação existente que possa ser analisada em suas diferentes relações, para que seja possível construir um novo pensamento ou conceito – uma nova visão.

Com este pensamento de Guebert (2010), podemos compreender que a filosofia em seu núcleo nos apresenta possibilidades de refletir sobre o que ocorre em nosso cotidiano, suas dificuldades, seus entraves e suas possíveis soluções ou formas de melhorar determinada situação.

Ao filosofar, nós nos autorregulamos, nos autoavaliamos em todos os níveis, pois a filosofia tem a finalidade de “[...] Articular o significado dos atos com os pensamentos com a finalidade de melhorar a ação sobre determinados situações, independentemente de sua origem, que pode ser emocional, financeira, política, social ou profissional, entre outras” (GUEBERT, 2010, p. 13).

Ao realizar este processo de reflexão, passamos a observar a real importância das escolhas que realizamos, auxiliando assim nas mudanças que acabam ocorrendo em nossa vida, em nosso cotidiano. Este movimento nos leva a realizar novas retomadas em nossa vida e, muitas vezes, voltar atrás do que já havia sido decidido.

Conforme Guebert (2010, p. 14), acabamos criando “[...] novos conceitos sobre um objeto já conhecido, pois, enquanto penso, sou sujeito e posso alterar o objeto, logo, necessito de uma interação com ele para que haja transformação”.

Com isso, deparamo-nos cotidianamente com diversas situações que, enquanto profissionais da educação e membros de uma sociedade, não estamos preparados para receber ou para aceitar determinadas situações que são vistas como fora dos padrões construídos pela sociedade.

Com o avanço das tecnologias, somos bombardeados com diversas informações que outrora não eram vistas; sabíamos da existência ou não delas e que hoje nos são apresentadas, e que somos convidados, mas nem sempre, a participar desse movimento de mudanças, cabendo a cada um adaptar-se ao processo.

Dentro desta perspectiva, conforme Mantoan (2006, p. 13), “[...] saibamos ou não, estamos sempre agindo, pensando, propondo, refazendo, aprimorando, retificando, excluindo, ampliando segundo paradigmas”.

Assim sendo, envoltos em tantas informações, passamos a perceber que a inclusão ocorre em todos os níveis de nossa vida, seja ela profissional ou pessoal. No que diz respeito à inclusão, podemos perceber que é um desafio a cada pessoa, buscar um olhar mais amoroso com cada situação vivenciada, conhecida ou não.

A palavra inclusão é algo que para muitos ainda amedronta, mesmo que estejamos em pleno século XXI, pois para que possamos realmente incluir e respeitar a diferença é necessária a mudança de pensamento, que às vezes nos deixa “cegos” diante da fragilidade e da importância do tema aqui apresentado.

Incluir não está meramente ligado à permanência de uma criança com necessidades educativas especiais na escola, mas à sua participação na sociedade e a real aceitação deste indivíduo na comunidade em que vive. Cabe salientar que a inclusão ou exclusão não ocorre somente em nível da educação especial, estes termos estão presentes no cotidiano de cada ser humano, possuindo suas fragilidades ou não.

Podemos dizer que estamos vivendo um paradigma que nos parece novo, mas é antiquado e engessado, cabendo a cada ser humano refletir, analisar, reformular e construir novos conceitos na atual realidade social. Necessitamos sair da teoria e elevar nossas ações a práticas que garantam o direito de todos, independentemente de suas fragilidades.

A inclusão necessita de ações eficazes que garantam os desenvolvimentos intelectual, social, afetivo e profissional da clientela a que se destina. Para tanto, faz-se necessário subsidiá-la com uma filosofia que inter-relacione as situações existentes com os ideais necessários, de modo que, qualitativamente, compreenda a diversidade nos diferentes serviços educacionais existentes, seja no ensino regular, seja no especial (GUEBERT, 2010, p. 16).

No que diz respeito à inclusão, podemos afirmar ainda que estamos vivendo em nossas escolas velhos modelos que necessitam ser contestados e modificados. Tem-se um discurso teórico muito bem elaborado, mas que, para chegar à sua aplicabilidade, faz-se necessário a cada membro que compõe as instituições escolares e governamentais reinterpretar os conceitos e modificar o que precisa ser modificado.

Conforme Edgar Morin (2002), é preciso ter “A cabeça bem-feita. Repensar a reforma e reformar o pensamento”. Assim, estaremos conseguindo mudanças significativas e pontuais no trato com as pessoas em sua totalidade.

“As diferenças culturais, sociais, étnicas, religiosas, de gênero, enfim, a diversidade humana vem sendo cada vez mais desvelada e destacada e se tornando condição imprescindível para entendermos como aprendemos e como compreendemos o mundo e nós mesmos” (MANTOAN, 2006, p. 14).

Diante destas palavras, observa-se que tudo parece muito fácil com relação ao ato teórico, mas quando nos encontramos diante de uma situação na qual somos desafiados a dar nossa opinião, em muitos momentos somos travados, como ocorreu num primeiro instante na escola com a chegada do aluno com necessidades educativas especiais. Cabe ressaltar que em situações como esta e entre outras se observa, em discursos, facilidade na solução ou encaminhação da situação; mas tratando-se da prática, as coisas ficam mais delicadas, há uma preocupação mais latente nas atitudes e olhares.

Outro ponto importante é como os profissionais da educação compreendem o conceito de diversidade. Conforme Mantoan (2006), a diversidade retrata todas as questões culturais, religiosas, étnicas e de questões relacionadas à inclusão de crianças com necessidades especiais. Esta diversidade nos é latente e clama, nos espaços escolares, por maior espaço e compreensão.

Os professores do ensino regular consideram-se incompetentes para lidar com as diferenças em sala de aula, especialmente para atender aos alunos com deficiência, pois seus colegas especializados sempre se distinguiram por realizar apenas esse atendimento e exageraram essa capacidade de fazê-lo aos olhos de todos (MANTOAN, 2006, p. 17).

Cabe ressaltar aqui algo mais do que Mantoan (2006) nos apresenta. Em muitos casos, as escolas não possuem este especialista para auxiliar neste processo de inclusão da criança. E isso preocupa a todos os profissionais, pois, conforme entrevista realizada com os profissionais da escola, estes tiveram a mesma preocupação inicial quando foi feita a seguinte pergunta: como você sentiu-se no momento em que soube da chegada de uma criança com TDAH em sua escola ou sala de aula? Todos foram enfáticos em afirmar que ocorreu uma apreensão.

Vejo isso inicialmente como algo normal, pois para todos o novo, o diferente nos leva à estranheza, ao desconforto. Somos obrigados a sair de nossa zona de conforto e alterar todo um processo que em muitos casos está engessado, ou teoricamente bem elaborado em nossos PPPs, mas na prática totalmente fragilizado.

Ainda no que diz respeito a esta situação de desconforto, observa-se a fragilidade da estrutura pedagógica das escolas relacionada à permanência de crianças com necessidades educacionais especiais. No diálogo mantido com os profissionais, muita preocupação surgiu no que diz respeito à chegada da criança, pois todos buscaram descrever a inquietação com o acompanhamento da criança, a recepção dos demais alunos, a socialização.

No momento da chegada da criança, a escola buscou solucionar o problema inicial, que era a apreensão dos profissionais, dialogando com eles, apresentando possibilidades de encaminhamentos educativos, diálogos com a família e com as crianças.

Cabe ressaltar que, a partir de diálogos realizados com os membros formadores da gestão escolar e demais funcionários, observou-se inicialmente a apreensão dos profissionais, bem como o desejo de auxiliar esta criança em tudo o que estivesse ao alcance da instituição.

Outro ponto que chamou a atenção foi o perceber-se como profissional da educação e como pessoa, dando a possibilidade de reconhecer que mesmo em escolas menores, no interior, também existem situações em que o diferente ocorre, ele está presente em todos os espaços, independente da classe social, de área, seja urbana ou rural. Não estamos fora deste processo, tudo ocorre permanentemente.

“Para a compreensão do processo de desenvolvimento humano, devemos nos voltar para uma orientação relacional que considere a pessoa em seu meio e nas interações dinâmicas, mutuamente construídas e que mudam os ambientes” (LEGAL; DELVAN, 2011, p. 14).

Observou-se que, diante da chegada da criança na escola, a preocupação maior estava não com a própria criança, mas com os profissionais que ainda visualizam uma educação fragmentada, ou como nos apresentou Paulo Freire (2002), uma educação bancária, em que as disciplinas são as que ainda dão conta de seus conhecimentos. Ledo engano.

Diante das novidades, a escola não pode continuar ignorando o que acontece ao seu redor. Não pode continuar anulando, marginalizando as diferenças – culturais, sociais, étnicas – nos processos pelos quais forma e instrui os alunos. Afinal de contas,

aprender implica ser capaz de expressar, dos mais variados modos, o que sabemos; implica representar o mundo a partir de nossas origens, de nossos valores e sentimentos (MANTOAN, 2006, p. 15).

Assim sendo, observa-se que as estruturas educacionais que se constroem em nossos documentos oficiais necessitam estar não só embasados teoricamente, mas envolvidos com o conhecer o humano, sendo possível desmistificar muitas ideias que se constroem com relação ao diferente.

Ter conhecimento do desenvolvimento das pessoas é algo primordial. Legal e Delvan (2011, p. 15) nos dizem que, para compreendermos o desenvolvimento humano é necessário observarmos três elementos constitutivos:

Os campos interativos: nos quais o sujeito age: na escola, ocorre a relação professor-aluno, professores-pais, aluno-aluno. Os cenários são: o ambiente físico que envolve as pessoas e seus papéis, as relações afetivas e de poder, as funções e as rotinas.
Os componentes individuais: os quais se referem aos aspectos biopsicossociais dos envolvidos no processo: da criança, do professor e dos pais;
O tempo: envolvido no processo de desenvolvimento de cada pessoa: o tempo vivido, o presente e o tempo prospectivo.

Assim sendo, ainda afirmam Legal e Delvan (2011, p. 15) que, “Para que o processo de desenvolvimento promova a humanização, o aspecto biológico da pessoa deve ser considerado de maneira integrada aos aspectos relacional, contextual e cultural”.

Observa-se também que a cada profissional da educação é necessária a busca por informações, relacionadas a todas as variadas áreas. Como seres humanos, “Somos (aparentemente) os únicos seres vivos, na Terra, que dispõem de um aparelho neurocerebral hipercomplexo, e os únicos que dispõem de uma linguagem de dupla articulação para comunicar-se, de indivíduo a indivíduo. Os únicos que dispõem de consciência [...]” (MORIN, 2002, p. 36).

Dentro desta perspectiva, observa-se a necessidade da busca de nova visão, de novo olhar para as questões voltadas ao ser humano, não de maneira fragmentada, como ainda ocorre em nossas escolas, mas de uma forma mais humanizada, considerando o todo, tanto no olhar do aluno como do próprio profissional enquanto pessoa.

As mudanças são necessárias, os caminhos podem ser tortuosos, mas se há desejo de mudança, tudo se torna mais leve e as respostas nos chegam. O trabalho em equipe é que dará maior forma e crescimento às mudanças. O diferente já não será mais visto como algo preocupante, mas, sim, desafiador.

Considerações finais

Diante do trabalhado e nos estudos realizados, senti-me um pouco mais instigada a desenvolver com as crianças e profissionais da educação movimentos que busquem a socialização, a aceitação do diferente, dando-lhes a possibilidade de manter uma vida social e escolar alegre e respeitosa.

Com a escola, senti o desejo de manutenção de um trabalho voltado a estas questões, pois a cada ano a criança em questão e tantas outras que chegam às instituições necessitam de respeito, carinho e comprometimento de todos neste processo.

Observei também que a escola, mesmo que se propague a ideia de realizar a inclusão de forma real, em muitos momentos encontra-se em uma inclusão fictícia, em que a criança está na

escola, mas não como participante do processo. Assim, remeto-me à fala de Mantoan (2006, p. 61) quando afirma que “a inclusão é um caminho sem volta”.

Contudo, sabendo que a escola prepara para o futuro, ela necessita preparar-se para o agora, para as mudanças, para a diferença, para a aceitação, para a busca de novas possibilidades de inclusão, tanto intelectuais como sociais.

E não esquecer que a peça fundamental para a mudança não está no outro, mas em si mesmo, conseguindo assim ver o outro de forma amorosa, com respeito, independentemente de suas dificuldades físicas ou intelectuais. Ser diferente é legal! Como muito se ouve: ser diferente está na moda! E que assim seja. Que o diferente venha a nos auxiliar neste processo de ensino e aprendizagem, e que possibilite a aprendizagem de todas as crianças, considerando a “necessidade de sensibilizar, de conscientizar e de viabilizar o processo inclusivo de forma fundamentada [...]” (GUEBERT, 2010, p. 102).

Para tanto, as escolas necessitam ter de forma bem clara a sua função, os seus princípios filosóficos e seus princípios teóricos da prática pedagógica. Acredito que para isso ocorrer, o que falta é um pouco mais de comprometimento e de sensibilidade no trato com o diferente. É possível? Sim. Só basta acreditar!

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GUEBERT, Mirian Célia Castellain. **Inclusão**: uma realidade em discussão. 3. ed. Curitiba: Ibpex, 2010.

LEGAL, José Eduardo; DELVAN, Josiane da Silva. **Psicologia do desenvolvimento e aprendizagem**. Indaial: Uniasselvi, 2011.

MANTOAN, Maria Teresa Egler. **Inclusão escolar**: O que é? Por quê? Como fazer? 2. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

Artigo recebido em 15/06/16. Aceito em 18/08/16.
